

dos seus membros. O sr. Gomes da Costa, porém, não o quiz assim. De tão nobre atribuição dividida por todos, tocava-lhe apenas a décima parte. Era pouco. ¡Ou tudo ou nada! E, mediante um simples decreto, apoderou-se de tudo.

Desta maneira, Octávio iniciou a sua evolução para Augusto. A breve trecho, decretava para si próprio os vencimentos de presidente da República e transferia a sua residência para o paço de Belem.

Gomes da Costa.

Não podia haver nada mais regular. . .

\* \* \*

E o mês de Junho acabou, numa paz que, para continuarmos o «símile» histórico, bem se podia chamar octaviana. . .

CAMPOS MONTEIRO.

## O PODER DE UM RETALHO DE PAPEL

“PELAS frequentes tentativas feitas para pintar os objectos naturais, nas circunstâncias mais desfavoráveis e com os mais pobres meios, é manifesto em todas as raças humanas e em todo o tempo o amor da representação pictórica que lhes é inerente. O desenho grosseiro com que o habitante das cavernas dos tempos pre-históricos arranhou o osso liso de um animal, os rochedos pintados das florestas mexicanas, as pinturas das cavernas dos selvagens sul-africanos, tudo isso revela até à evidência essa paixão, profundamente enraizada. A criança da gente civilizada contempla com delícia o seu livro de pinturas, muito antes de saber soletrar as letras do alfabeto; e o rude ésquimo guarda como um tesouro o número perdido de uma gazeta ilustrada que a tripulação do barco que andava na pesca da baleia lhe deixou na cabana, embora o ésquimo não seja capaz de decifrar nem uma só palavra de uma fôlha impressa. É que as pinturas falam uma linguagem universal que não carece de ensino para ser compreendida.»

Começava assim, há quarenta anos, o livro de Mason Jackson sobre a origem e progressos da imprensa ilustrada, *The Pictorial Press*, publicado em 1885; e se muita razão lhe assistia para falar de tal modo ao tempo em que semelhantes feitos e tendências recordava e comentava, observando-lhes a insistência e a amplitude do seu desenvolvimento étnico e histórico, hoje, se de novo houvesse de considerar essa actividade, já não viria encontrá-la movendo-se e afirmando-se nas sociedades cultas contemporâneas, somente em termos de mero autor de criações esporádicas, acidentais e ancilares, servindo o desenfado e a fantasia, como outr’ora foi, pelo menos aparentemente Constituída em necessidade quotidiana, a arte gráfica, e a sua copiosa abundância e o seu esplendor actual, tornou-se em alimento imprescindível dos nossos olhos e companheiro inseparável da nossa habitação, esmorecida e fria e deserta onde êsses afagos não a confortam e alegam.

Por um desses impulsos misteriosos de nossa alma que instintivamente a dominam, a necessidade gráfica cresceu e dilatou-se a tal ponto em nosso ser normal que já não

sabemos viver contentes se em volta de nós não sentirmos um mundo de linhas gravadas, a transposição gráfica da vida em traços lisos e singelos, certa destilação e resumo e concentração da vida no traço colorido ou negro. E nem a voz mais doce nem o discurso mais sonoro e retumbante nem o adejar da graça do mais subtil murmúrio suprem o apetite



RETRATO DE MADAME MICHON —VELOSO SALGADO

Colecção do Sr. Dr. Leopoldo Mourão —Pôrto

e a avidez e a exigência da comunicação directa do nosso sêr com todo o ambiente, pelo desenho, pela côr e pela gravura.

\* \* \*

Quando alguém guarda e venera carinhosamente a carta de amor que o comove, tenhamos por certo que não será sômente porque êsse retalho de papel contém confissões que por qualquer motivo lhe são caras ou o interessam e lhe alvoroçam a sensibilidade. Se tanto quere a tão pequenina coisa, é porque a simples letra em que a carta foi escrita é só por si um desenho, um objecto de arte, a representação gráfica do sentimento de uma pessoa amada, é uma comunicação directa com a sua existência, independentemente da voz em que poderia falar e da interpretação oral do seu pensamento. Há na grafia certa e obscura refundição da personalidade que a executa, e eis que o nosso retrato é uma coisa diferente da nossa presença, e com a sua significação e os seus meios de revelação próprios, e eis que, semelhantemente, a paisagem é uma em a natureza e outra na estampa, acontecendo bastas vezes que aquela mesma que em a natureza não nos tocou e foi vista com indiferença, foi essa que na estampa se nos tornou fagueira ou mais nos arrebatou a admiração; e, inversamente, aquela que em a natureza havíamos contemplado com entusiasmo, mostrou-se afinal pobre de harmonia e confrange-nos pelas suas manifestas dissonâncias, se na estampa a colhemos e nêsse estado a observamos.

\* \* \*

Foi por êstes trâmites e por fôrça destas inclinações e da sua expressão prática que o livro e o jornal ilustrado e a estampa e o quadro se converteram em verdadeiras divindades lares, a que a multidão dos fieis acende devotadamente

a sua alampada. Daqui nasceu o culto doméstico da estampa, e êste com os mais de significação estética congênere passou a juiz da civilização e a confessor do gráu de cultura e elevação da gente que o ministra, e a indício da rudeza da gente que o desconhece. Pela pressão e alargamento desta qualidade específica das castas nobres ou susceptíveis de se nobilitarem, viemos a não reputar mobilada a casa enquanto não a houvermos povoado de estampas e desenhos suficientes. Pressentimos o retardatário da educação onde não encontramos o seu duplicado pela imagem do sêr, abrangendo essa duplicação a transposição pictórica de tudo o que somos e de tudo o que nos cerca, e de toda a condição íntima ou externa da nossa existência, desde a expressão da face humana e de todos os nossos actos até à mais complexa como a mais singela palpação cósmica, até ao insecto e ao musgo e à montanha e aos mares e aos astros.

Que singular capricho da sensibilidade na solicitude, aliás vulgar, com que deixamos a floresta para com superior prazer correremos a contemplar nas quatro polegadas de um retalho de papel a imagem relativamente microscópica e mutilada e morta das árvores que na floresta tínhamos diante dos olhos, completas, na plenitude da sua integridade e da sua pujança, e na profundeza insondável de todos os seus alentos! Que extravagante e inexplicável afeição esta pela qual quasi queremos tanto à catedral que nos fascina como à exigua fôlha de papel que a estampou e interpretou, pois que em cada desenho, fotográfico que êle seja, há invariavelmente uma interpretação e uma arte que se sobrepõe a toda a natureza e a toda a arte, e as altera e muda!...

Terá seus laivos de mistério religioso esta paixão gráfica que nos é congénita e vai operando maravilhas infinitas, cada vez maiores.

E o certo é que onde não a achamos fecunda e florescente em seus templos e nas suas capelinhas e ermidas, logo nos imaginamos exilados da civilização. A sua prosperidade é



MARGENS DO RIO ÁGUEDA — *POCHADE* — MARQUES DE OLIVEIRA

Colecção do Sr. Sr. Leopoldo Mourão — Pôrto

testemunho da graduação de cultura.

Os velhos, os que já passaram os sessenta anos, muito bem se lembram do aplauso com que há cerca de meio século vimos a expansão das artes gráficas em o nosso país, como arautos consoladores do advento de novas energias civilizadas. Quedavamo-nos embevecidos a admirar as gravuras de Pedroso e os desenhos de Lupi e de Manuel de Macedo, e as caricaturas de Bordalo e as fantasias desenvoltas da pena de El-Rei D. Fernando, e a cópia dos quadros de Sequeira e Anunciação, avós amados de muita beleza moderna que geraram nobilíssimas linhagens.

A publicação de *O Ocidente*, em 1878, foi um acontecimento. Respirávamos. Tínhamos uma publicação periódica ilustrada. Salvava-nos de uma mingua vexatória; íamos a emancipar-nos da servidão humilhante das ilustrações estrangeiras.

\* \* \*

Recentemente, uma descoberta admirável e de estuando alcance poderá parecer que ameaça a decadência ou ruína da devoção atribuída entre as divindades lares ao livro e ao jornal ilustrado. Parecerá que a telefonia sem fios, cantando e discursando e por sua vez pintando também, está destinada a varrer de cima da mesa do serão as ilustrações, para distrair dos seus regalos aqueles que pausadamente costumavam folheá-las à luz do candieiro. Correriam todos agora a aglomerar-se em volta das sereias e trombetas da miraculosa aparição.

Mas logo a estampa recupera o seu domínio intangível. Porque a voz passa e a estampa fica, e a seu modo nos fala incessantemente. A voz é hóspede fugitivo e a estampa é o companheiro certo de toda a hora, não teme as tormentas das nuvens, mora onde nós moramos, segue-nos em todas as nossas peregrinações, desterra-se para onde nos desterramos, e fielmente nos repete os seus segredos e encantos, e, diferente da ave de arribação que é a telefonia sem fios, não vem a acariciar-nos para imediatamente levantar vô e se perder na vastidão dos céos. Fica connosco.

Uma estampa é uma luz que se acendeu junto de nós e em a nossa intimidade se tornou o amigo e confidente de máguas infinitas e infinitas alegrias; a todas assiste; e ora alivia, e ora castiga, e sempre nos fala e afugenta as penas da solidão. Uma voz como a da telefonia sem fios, por mais bela que seja, é muito diversa — um arrebatamento, e depois, sem tardar, como por punição do deleite, o eclipse instantâneo, e precipita-nos no abandono; é um turbilhão e uma torrente, não poisa, e onde por um momento matou a sede de comunicação e simpatia com os mundos estranhos, aí mesmo inflamou a sede que deixou penando em nosso sêr, esperando em vão que a divindade volte a visitá-la e a saciá-la.



UM INTERIOR—QUADRO DE SOFIA DE SOUZA

Colecção do Sr. Dr. Leopoldo Mourão — Porto

!Quanto pode um retalho de papel que a mão do homem tocou e a alma animou com o seu sôpro! !Que magia divina e que grandeza se acoitam na pequenez de uma apagada sombra que as nossas mãos esboçaram entre as quatro linhas de uma fôlha de papel!... A imagem do santo que piedosamente vela à cabeceira do crente e o protege é um retalho de papel — não raro grotesco. E entretanto, na sua tósca indigência de seduções estéticas, um poder oculto lhe dá virtudes de sacerdócio e apostolado que igualam a fortaleza dos mártires e os seus milagres. Porque êsse retalho de papel — bem o sabem quantos têm memória para as recordações da infância — êsse retalho de papel iniciou a criança na fé cristã, foi-lhe um segundo baptismo em Jesus e Maria, deu alento de esperança ao enfermo, mitigou a ansiedade, enxugou lágrimas, ensinou orações, verteu a consolação na desgraça, salvou do erro, limpou ódios, inflamou afectos, deu coragem ao soldado na guerra; até o moribundo, sorrindo à sua humildade e levando-a nos olhos, partiu dêste mundo e adormeceu.

Eixo — Quinta de S. Francisco, 8-vi-1926.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA.